

Representações sobre o idoso em *sites* e/ou comunidades na internet

BIANCA CLARA LOPES

*Aluna bolsista de Iniciação Científica (PIBIC) da Pontifícia Universidade Católica de Campinas.
e-mail de contato: bianca_lopes27@hotmail.com*

ELIANE RIGHI DE ANDRADE

PUC-Campinas. Professora pesquisadora, orientadora do Projeto de Pesquisa "Representações sobre o idoso em sites e/ou comunidades na internet". e-mail: elianerighi@terra.com.br

Resumo: Este artigo pretende apresentar alguns resultados de pesquisa sobre o projeto desenvolvido em Iniciação Científica sobre as representações do idoso que aparecem em *sites* e comunidades virtuais, utilizando recortes discursivos selecionados de alguns deles. Embasados teoricamente pela abordagem discursiva da linguagem bem como por conceitos de identidade e representação dos estudos socioculturais, e utilizando-nos da Análise do Discurso como dispositivo metodológico, pretendemos apresentar algumas das imagens sociais que são disseminadas sobre o idoso nesses contextos, as quais tendem a provocar alguns efeitos de sentido estereotipados, enfatizando algumas imagens do idoso, tais como a doença, a fragilidade e a dependência, que são compartilhadas e reforçadas pela sociedade, colocando-os num movimento fora do discurso legitimado socialmente.

Palavras-chave: Representações do idoso; mídias digitais; Análise do Discurso.

Abstract: this article aims to share some results of the project developed in the Scientific Initiation Program, which discusses the representations of the elderly presented by some digital genres, such as virtual communities and sites, using discourse segments selected from some of them. Theoretically supported by the discourse approach and concepts of identity and representation from socio-cultural studies and using the Discourse Analysis methodology, we intend to show that the social images spread by those genres tend to provoke some stereotyped effects of meaning, highlighting some images of the elderly, such as fragility, dependence and sickness, which are shared and reinforced by society, putting them off the discourse which is socially legitimate.

Keywords: representation of elderly; digital media; Discourse Analysis.

O artigo que ora se apresenta é resultado de algumas conclusões do trabalho desenvolvido no Grupo de Pesquisa "Estudos do Discurso", da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Este trabalho tinha como objetivo fundamental analisar as representações sobre o idoso que circulam em algumas comunidades virtuais e *sites* veiculados na internet, de modo que, por meio de indícios da materialidade da língua, pudéssemos captar alguns traços que constituem a identidade do

idoso e o tipo de imaginário que se constrói sobre a velhice nesses gêneros digitais, compreendendo, assim, as relações de poder que atravessam tais discursos e que se disseminam na sociedade, contribuindo para um certo olhar sobre o idoso.

A relevância do tema se deve à constatação de que a população brasileira envelhece e hoje representa parte significativa da mesma. Dessa forma, há uma necessidade de ressignificar o espaço do idoso na sociedade brasileira, a qual tem sido proposta, entre outros documentos oficiais, pelo Estatuto do Idoso, aprovado em 2003. Cabe-nos, neste breve artigo, então, apresentar alguns resultados de nosso estudo sobre as imagens que circulam dos idosos em alguns gêneros digitais, relacionando-as ao modo como o velho é representado socialmente em algumas dessas “novas” mídias e alguns efeitos de sentido que tal imaginário provoca.

Nossa discussão parte da constatação da importância dos vários discursos que circulam no meio social na constituição do sujeito e de sua identidade, sendo que o discurso da mídia digital tem, em nossos tempos, uma relevância ainda maior, por sua capacidade de disseminação das informações em velocidade recorde, transmutando as noções convencionais de espaço e tempo. Além disso, é um discurso que se caracteriza pela troca de impressões e imagens em diferentes pontos do globo, atravessando diversas comunidades, o que permite ultrapassar limites até então reservados à esfera privada e a grupos sociais restritos. Se é um discurso de grande alcance, podemos pensar em seu funcionamento articulado ao processo de formação de identidades, determinado pelas relações de poder que permeiam as sociedades e nas quais os sujeitos estão inseridos sócio-historicamente.

Fundamentação teórica

Nossos estudos teóricos se baseiam fundamentalmente numa perspectiva discursiva da linguagem, apoiados, entre outros autores, em Pêcheux e Foucault, e nos conceitos de identidade e de representação desenvolvidos pelos estudos sócio-culturais – principalmente por autores como Hall e Woodward –, e que serão desenvolvidos a seguir.

O conceito primeiro para se refletir brevemente em nosso trabalho diz respeito à própria linguagem, meio de expressão do imaginário e da constituição de identidades e representações, que, pela perspectiva teórica da Análise do Discurso de linha francesa e dos estudos discursivos, está relacionada a outras noções teóricas de grande importância, tais como intradiscurso, materialidade linguística, história e ao próprio conceito de discurso como estrutura e acontecimento.

Assim, tudo o que é dito, expressado por meio da linguagem, é tido como uma concretização, uma materialização de um acontecimento ligado à memória discursiva, aos aspectos histórico-sociais, à cultura, à época, e à posição que o sujeito (não só “usuário” dessa linguagem, mas também constituído por ela e nela) ocupa na sociedade em que vive. Dizemos, então, que o discurso representa essa relação do que é dito (intradiscurso) e do que não é dito, mas que é possível de se dizer (interdiscurso); do que é materializado (na língua) e de tudo o que envolveu essa materialização (condições de

produção do discurso, ditos anteriores); de tudo o que foi recebido por herança, de toda memória discursiva que está silenciada, mas que, de alguma forma, aparece como possibilidade de se dizer por meio da língua, promovendo rupturas com o que já foi dito. Dessa maneira, segundo Pêcheux (1997, p. 17), o discurso pode ser definido como estrutura (materialidade linguística) e também como acontecimento: “ponto de encontro de uma atualidade e de uma memória”.

No entanto, ao contrário do que se imagina pelo senso comum, ainda que o eu-enunciador seja responsável pela materialização do dizer no momento da enunciação, não é o sujeito consciente que cria e produz os discursos, pois “os sujeitos acreditam que ‘utilizam’ seus discursos quando na verdade são seus ‘servos’ assujeitados, seus suportes” (PÊCHEUX, 1990, p. 311).

Assim, podemos dizer que os discursos constroem os sujeitos e não o contrário, uma vez que todos os discursos que envolveram o sujeito durante toda a sua vida e ao longo de toda história, vão defini-lo, influenciá-lo a produzir todos os seus dizeres e, por mais “novos” que eles possam parecer, são baseados no que já existiu, no que já foi dito. Nas palavras de Foucault (2002, p. 49):

O discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos; e quando tudo pode, enfim, tomar forma de discurso, quando tudo pode ser dito e o discurso pode ser dito a propósito de tudo, isso se dá porque todas as coisas, tendo manifestado e intercambiado seu sentido, podem voltar à interioridade silenciosa da consciência de si.

Além disso, os dizeres e fazeres (as práticas discursivas e não discursivas) se entrelaçam e produzem sentidos por meio das “formações discursivas” (FOUCAULT *apud* PÊCHEUX, 1990, p. 314), que podem ser exemplificadas com os conjuntos de enunciados pertencentes a grupos sociais específicos, a redes sociais, a grupos políticos, a grupos profissionais, a grupos religiosos, enfim, são diversas formações que, apesar de aparentemente fechadas, são influenciadas pelo exterior, “constitutivamente ‘invadida[s]’ por elementos que vêm de outro lugar (isto é, outras FD) que se repelem nela[s], fornecendo-lhe[s] suas evidências discursivas fundamentais” (PÊCHEUX, 1990, p. 314).

Dessa forma, também podemos dizer que existem regras, imposições dentro e fora dessas formações discursivas, de modo que não se é permitido que certos indivíduos (não legitimados socialmente) produzam alguns dizeres ou que certos discursos sejam difundidos em alguns lugares. Assim, podemos dizer que

[a] produção do discurso é controlada, selecionada, organizada e redistribuída por procedimentos que visam determinar aquilo que pode ser dito em um certo momento histórico (FOUCAULT *apud* GREGOLIN, 2007, p. 15.)

Concluimos, portanto, ainda segundo Foucault (2002), que existem nas sociedades sistemas de controle, de rarefação e até mesmo de exclusão dos discursos e dos

sujeitos, de modo que se uma pessoa não tem legitimação ou, de certa forma, direito para fazer uso da palavra, seus dizeres não serão aceitos socialmente, o que o pode tornar “invisível” pelo grupo, já que “o discurso é o espaço em que saber e poder se articulam (quem fala, fala de algum lugar, baseado em um direito reconhecido institucionalmente)” (FOUCAULT *apud* GREGOLIN, 2007, p. 14).

Em relação ao conceito de identidade, trazido dos estudos culturais, este estaria, primeiramente, ligado ao próprio ato de identificar-se. Apesar de a identidade aparentemente sugerir uma ação a qual dependa exclusivamente da escolha do sujeito (como se ele pudesse, conscientemente, escolher suas identificações), o processo de identificação é determinado, fundamentalmente, segundo Woodward (2000), por fatores como a história, o meio (espaço) onde ele vive, a herança cultural, a memória, a época (contexto histórico-social) em que vive e todas as representações culturais e sociais que caracterizam seus ideais, pensamentos e desejos, os quais o marcam desde o seu nascimento até o momento presente de sua vida e que constituem sua memória discursiva.

Portanto, de acordo com Rutherford (*apud* WOODWARD, 2000, p. 19):

[...] a identidade marca o encontro de nosso passado com as relações sociais, culturais e econômicas nas quais vivemos agora... a identidade é a intersecção de nossas vidas cotidianas com as relações econômicas e políticas de subordinação e dominação.

É possível ainda afirmar que o termo identidade assume hoje um caráter flexível, mutável, uma vez que, segundo Hall (1997), na sociedade contemporânea, marcada incisivamente pela globalização e pela tecnologia, o sujeito pode manter diversas identificações que se distinguem e aparentemente podem se contradizer, caracterizando, assim, um sujeito fragmentado, pluralizado, representando um suposto conflito em sua subjetividade e em sua forma de construir sua identidade:

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas (HALL, 1997, p. 13).

Hall (1997) problematiza o conceito de identidade, fazendo-nos refletir sobre uma suposta “crise de identidade” que o mundo enfrentaria hoje, ocasionada, principalmente, pela globalização associada à revolução tecnológica. Assim, pode-se dizer ainda que, nessa “sociedade de mudança constante, rápida e permanente” (HALL, 1997, p. 15), as estruturas que ligam os sujeitos às suas identidades se tornaram frágeis, efêmeras (BAUMAN, 2001), já que com a mesma facilidade que o sujeito passa a se identificar, pode rapidamente deixar de fazê-lo, porque

[à] medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, so-

mos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (HALL, 1997, p.14).

Além disso, de acordo com Woodward (2000), a identidade pode ser caracterizada pela diferença e, inevitavelmente, pela exclusão, ou seja, o indivíduo, por exemplo, só pode ser britânico exatamente porque não é americano, só pode ser branco porque não é negro, uma característica aparentemente exclui a outra, uma identidade é essencial para que a outra se defina. Dessa forma, é possível afirmar que a identidade também é relacional, já que ela depende, fundamentalmente, de relações com o “externo”, de comparações com outros processos de identificação. Podemos afirmar, ainda, que a identidade é marcada por símbolos que, de certa forma, representam significados compartilhados socialmente.

Outro conceito que nos interessa é o de representação, o qual está profundamente vinculado ao anterior, já que

[a] representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas as questões: Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? (WOODWARD, 2000, p. 17).

Assim, podemos afirmar que os mais diversos sistemas de representação que permeiam os meios sociais, inclusive o meio digital, que é o foco deste trabalho, tem o poder de construir e (de)formar identidades, disseminando sentidos que são demarcados pelos grupos sociais por meio das diferentes formações discursivas.

Etimologicamente, o termo representação carrega o sentido de “fazer presente alguém ou alguma coisa ausente, mesmo uma ideia, por intermédio da presença de um objeto” (FALCON, 2000, p. 45). É possível, portanto, acrescentar que o conceito de representação está ligado a tudo aquilo que, de certa forma, caracteriza e constitui um imaginário, o qual não precisa estar necessariamente vinculado à “realidade”, e que as representações “são frequentemente expressas (ou mesmo materializadas) através de signos – sinais, emblemas, alegorias e símbolos” (FALCON, 2000, p. 42) e, portanto, por meio da própria linguagem – que é um sistema simbólico –, fazendo com que se (re)produza sentidos e valores compartilhados socialmente.

As representações estão, ainda, relacionadas às relações de poder que se disseminam pela sociedade, em suas diferentes instâncias (FOUCAULT, 2002). Assim, como afirma Woodward (2000, p. 18),

pode-se levantar questões sobre o poder da representação e sobre como e por que alguns significados são preferidos relativamente a outros. Todas as práticas de significação que produzem significados envolvem relações de poder, incluindo o poder para definir quem é incluído e quem é excluído.

Hall (1997) acrescenta que, quando falamos, estamos sempre representando algo ou alguém, pois o sujeito sempre vai falar “a partir de uma posição histórica e cultural específica”, ou seja, é um representante dessa cultura, dessa ideologia, desse momento histórico e fala de acordo com esses referenciais.

Concluimos, portanto, que estamos rodeados pelos mais diversos tipos de representação a respeito de pessoas, objetos, acontecimentos, culturas, etnias, políticas, os quais circulam em nossos meios de comunicação, via linguagem, e que se apoiam em relações de poder que estão em evidência na sociedade e são decisivamente influentes na formação das identidades.

Aspectos metodológicos

O estudo proposto baseou-se numa perspectiva metodológica interpretativista, de caráter discursivo (PÊCHEUX 1990; 1997 e FOUCAULT 2002), o que implicou, inicialmente, um trabalho de análise das condições externas ao discurso da mídia, ou seja, das condições de produção deste, constituídas no contexto histórico-social. Por ser de natureza interpretativa, coloca-se como um trabalho qualitativo, em que se buscam, nos efeitos de sentido, regularidades a partir da materialidade linguística.

A constituição do *corpus* de análise foi realizada a partir da seleção de comunicações e *sites* pesquisados, no período correspondente a dezembro de 2011 a maio de 2012. É importante ressaltar ainda que, devido ao fato de o material se encontrar disponível digitalmente na rede, este foi gravado em arquivo digital, de forma que ele se conservasse para a análise da forma primeira em que foi coletado e que pudesse ser utilizado, mesmo que não estivesse mais acessível na rede, o que acontece com os materiais de natureza digital. Do trabalho de seleção e organização dos recortes discursivos, surgiram, então, três eixos para a análise, que nortearam o trabalho interpretativo. Esses eixos foram estabelecidos a partir do processo de reflexão diante do “objeto” de estudo, que não se tratou, portanto, como algo pré-concebido, mas construído no processo de análise.

Condições de produção do discurso dos gêneros digitais trabalhados

Para delimitar o espaço discursivo em que desenvolveremos nosso trabalho de análise, traremos alguns estudos sobre o discurso da mídia, relacionando-o, especificamente, às mídias que trabalharemos em nossa pesquisa e às condições de produção desses discursos.

De acordo com nossos estudos, podemos entender a internet não só como uma mídia ou um meio de comunicação, mas também como um espaço “de interação e de organização social” (CASTELLS apud PEREIRA e MORAES, 2003, p. 5).

Assim, a ‘mídia digital’ ou ‘nova mídia’ pode ser concebida como “uma revolução dos modos sociais de interagir linguisticamente” (MARCUSCHI, 2005, p. 19), “uma espécie de protótipo de novas formas de comportamento comunicativo” (MARCUSCHI, 2005, p. 13) uma vez que, com suas características distintas e específicas, ela introduz

uma nova maneira de manifestar, divulgar e disseminar informações e opiniões, caracterizando novas maneiras de se relacionar socialmente. No entanto, além de representar esse profundo impacto na comunicação e, acima de tudo, no uso da linguagem, a internet também se posiciona como uma relevante disseminadora de representações e formadora de identidades, representações que refletem, na virtualidade, as relações de poder que permeiam a nossa sociedade real. Em outras palavras, como já aponta Gregolin (2007, p. 19), “na sociedade contemporânea, a mídia realiza a imensa tarefa de fazer circular as representações e, nesse sentido, coopera para as interconexões entre os fios desse entrelaçamento”.

Dessa forma, a internet como mídia digital evidentemente desenvolve também este papel, com o diferencial de que, além de seu discurso poder ser reproduzido em diferentes espaços, representando um alcance muito maior do que o de outras mídias convencionais, ela é considerada uma “mídia da memória” (PATINO *apud* PEREIRA e MORAES, 2003, p. 6), já que o que é publicado na rede pode ser visto e armazenado por qualquer pessoa que tiver acesso a esse material, ainda que seja posteriormente removido do meio virtual, pois pode ser trazido “à memória” por qualquer usuário que a ele teve acesso, o que significa uma vasta divulgação das representações vinculadas por esse meio.

Além disso, percebemos que, muitas vezes, as representações que circulam no meio digital são generalizadas ou estereotipadas e essa percepção corresponde aos estudos de Gregolin (2007, p. 17-18), a qual acredita que as funções sociais da mídia são

asseguradas pela ampla oferta de modelos difundidos e impostos socialmente por processos de imitação e formas ritualizadas. Esses modelos de identidades são socialmente úteis, pois estabelecem paradigmas, estereótipos, maneiras de agir e pensar que simbolicamente inserem o sujeito na “comunidade imaginada”. A sofisticação técnica produz uma verdadeira saturação identitária pela circulação incessante de imagens que têm o objetivo de generalizar os modelos. A profusão dessas imagens age como um dispositivo de etiquetagem e de disciplinamento do corpo social.

Exemplificando essas afirmações, podemos dizer que, nas primeiras buscas em *sites* e comunidades sobre o idoso, em que utilizamos exatamente a palavra “idoso” como chave de busca, observamos que surgiam nos resultados uma grande concentração de *hiperlinks* com divulgação de asilos e casas de repouso e de instituições que cuidam da saúde e da integridade dos idosos, o que, de certa forma, pareceu nos revelar certa tendência de pensamento em que a velhice é vista pela sociedade como um sinônimo de dependência, necessidade de ajuda e doença, o que não deixa de ser um indicio de uma representação estereotipada do que é considerado ser velho.

Ademais, podemos apontar a importância da mídia digital na constituição das identidades por introduzir e fazer circular na sociedade novos gêneros de texto, chamados “gêneros digitais”, que, apesar de assumirem características semelhantes entre si, como a “não-linearidade, volatilidade, multimodalidade, interatividade e hipertextualidade” (PEREIRA e MORAES, 2003, p. 6), apresentam peculiaridades muito evidentes que os distinguem e os constituem cada qual como um gênero único e diferente.

Assim, dentro desses diversos gêneros que permeiam o meio eletrônico, escolhamos trabalhar apenas dois, *sites* e comunidades virtuais, pelo seu potencial de interação entre usuários e pelo seu poder multiplicador de representações, por meio da publicação e postagens de textos, imagens e a divulgação de outros *links*, o que os torna “reprodutores” e disseminadores dessas imagens. Além disso, caracterizam-se por serem públicos e, portanto, acessíveis a qualquer usuário, sem haver a restrição de acesso e necessidade de prévia autorização para consulta.

Uma breve descrição de *site* (ou *sítio*) é feita por Araújo (2011, p. 33), que afirma que um *site* é simplesmente “a plataforma de comunicação e divulgação online”, ou seja, um dispositivo, no meio virtual, de um grupo, empresa, entidade ou instituição, que não precisa existir no mundo real, mas que, de fato, ocupa uma posição no mundo digital e pode ser ali constituído e desconstituído, segundo seus interesses.

Quanto à comunidade virtual, podemos defini-la como “[u]ma coleção de membros com relacionamentos inter-pessoais de confiança e reciprocidade, partilha de valores e práticas sociais com produção, distribuição e uso de bens coletivos num sistema de relações duradouras” (MARCUSCHI, 2005, p. 22).

Podemos afirmar, portanto, que os participantes de uma comunidade virtual compartilham certas ideias e verdades e, inevitavelmente, são unidos por algum tipo de laço identitário.

Dentro das várias comunidades e *sites* encontrados que diziam respeito aos idosos, permitindo, assim, infinitas possibilidades de análise, estabelecemos como critérios de escolha a relevância de conteúdo e a quantidade de visitas, membros e aprovações, que puderam ser verificadas pelas ferramentas de acesso aos meios analisados.

Num primeiro estudo sobre as condições de produção dos *sites* e comunidades virtuais que se destinavam aos idosos, observamos que os resultados das buscas variavam de acordo com o termo utilizado na pesquisa. Dessa forma, ao utilizar a palavra “idoso” na busca, na grande maioria dos casos, surgiam *sites* de entidades e casas de repouso para o idoso. Embora nosso estudo não contemple diretamente as imagens que acompanham esses espaços discursivos, percebemos, em geral, que eram mostradas figuras saudáveis, rostos felizes.

Quando o termo escolhido para a busca foi “velho” apareciam figuras humanas satirizadas, de aparência estranha, que sugerem efeitos de sentido outros, os quais nos propormos a discutir no resultado de análise.

Em relação às comunidades do *Facebook* selecionadas, podemos dizer que todas as comunidades escolhidas possuíam em seu mural algum *link* ou alguma referência à saúde, o que nos leva a concluir que o objetivo geral dessas comunidades virtuais é desempenhar um trabalho social de assistência ao idoso, oferecendo, muitas vezes, serviços, dicas e sugestões, a fim de proporcionar meios (muitos deles “pagos”) para uma melhor qualidade de vida ao idoso. Também encontramos, na maioria das comunidades do *Facebook*, uma forma de interação entre os chamados “cuidadores de idosos”, constituindo-se como espaços para trocas de experiências e referências, o que nos leva a concluir que são também espaços direcionados para o mercado de trabalho que se desenvolve ao redor desse grupo social.

As comunidades do *Orkut*, por outro lado, possuem um caráter mais “panfletário” de proteção aos idosos, denunciando e condenando, por exemplo, injustiças e

maus tratos a idosos. No entanto, nenhuma delas se presta a oferecer ajuda real aos idosos necessitados, mas se colocam como porta-vozes dos velhos.

Alguns resultados de análise

Uma de nossas primeiras constatações na análise é que, embora nos puséssemos a buscar *sites* e comunidades que traziam referência aos idosos, houve pouquíssimas oportunidades em que o idoso falou por ele mesmo. Isso nos permitiu concluir que o idoso também no espaço virtual não tem voz, ou seja, seu dizer é interdito ou excluído, fazendo com que outros assumam sua voz no discurso (os cuidadores, os médicos, os membros da família etc.) Dessa forma, podemos ressaltar que o sujeito idoso é muito mais objeto do dizer do que autor do dizer, ou seja, sua voz é, muitas vezes, silenciada. Assim, o sujeito idoso, que é objetificado, passa a ser nomeado de diferentes formas e essas nomeações lhe atribuem certos sentidos, que são disseminados socialmente. O idoso é sempre visto em falta: de saúde, de trabalho, de atividade, de dinheiro, de carinho, o que o coloca em uma posição antagônica em relação ao jovem, que tudo tem.

Apresentamos a seguir dois recortes que contemplam em sua análise um pouco dos três eixos temáticos que foram construídos no processo de organização do *corpus* de pesquisa. A construção da análise em eixos permitiu-nos o cruzamento de recortes, que são atravessados pelos diferentes temas. Tal configuração deve-se ao fato de a construção dos conjuntos de representação ter sido realizada a partir da própria análise e não de categorias estabelecidas *a priori*. Dessa forma, constituímos três eixos que embasaram nossa análise: 1. a designação do idoso; 2. a objetificação do idoso (em oposição a um idoso sujeito no dizer) e 3. o idoso na falta (que é compensada por um excesso no dizer) .

Trazemos a seguir um recorte em que focamos o primeiro eixo: as designações do idoso, embora eles se atravessem na discussão proposta. Guimarães (2003, p. 57), em artigo que discute a relação entre a designação e o espaço de enunciação, aponta que as designações atribuídas a algo ou alguém o fazem significar, atribuindo-lhe uma identidade. Essa identidade desdobra-se num conjunto de predicados. Segundo o autor, as designações são construídas por uma história enunciativa, ou seja, o objeto se constrói linguisticamente por aquilo que é dito sobre ele na tessitura histórico-social. Portanto, nesse eixo, coube-nos discutir alguns dos sentidos que emergem no fio discursivo a partir das designações que são conferidas aos idosos em certos *sites* e comunidades.

RD¹ 1

SER IDOSO E SER VELHO

Idoso é quem tem muita idade; velho é quem perdeu a jovialidade. A idade causa a degenerescência das células; a velhice, a degenerescência do espírito.

¹ RD: iniciais que remetem a Recorte Discursivo.

Você é idoso quando se pergunta se vale a pena; você é velho quando, sem pensar, responde que não.

Você é idoso quando sonha; Você é velho quando apenas dorme.

Você é idoso quando ainda aprende; Você é velho quando já nem ensina.

Você é idoso quando se exercita; Você é velho quando apenas descansa.

Você é idoso quando o dia de hoje é o primeiro do resto de sua vida; Você é velho quando todos os dias parecem o último da longa jornada.

Você é idoso quando seu calendário tem amanhã; Você é velho quando ele só tem ontens.

O idoso se renova a cada dia que começa. O velho se acaba a cada noite que termina.

Pois enquanto o idoso tem seus olhos postos no horizonte, onde o sol desponta e ilumina a esperança, o velho tem sua miopia voltada para as sombras do passado.

O idoso tem planos, o velho tem saudades.

Comunidade do Orkut *Idosos Fofinhos*. Acesso em 10/01/2012.

Primeiramente, notamos que o recorte, que se encontra na página de abertura da comunidade citada e que foi postado sem autoria, se constrói em forma de dicotomias, estabelecidas na relação de oposição entre idoso e velho. Nessa relação, ao idoso são atribuídas características e ações positivas, tais como é aquele “que se pergunta se vale a pena”, é aquele “que ainda aprende”, “que se exercita”, “que se renova”, que sonha, “que pensa no futuro” (tem amanhã e olhos postos no horizonte), portanto, “que tem planos”. Dessa forma, fala-se de um sujeito ativo, que tem esperança, saúde (para se exercitar) e que está aberto a novas experiências, características estas que, na sociedade, aparecem mais associadas ao jovem. Em relação ao velho, atribuem-se características exclusivamente negativas, tais como a “degenerescência do espírito”, a inflexibilidade (no trecho “responde que não”); é apresentado, ainda, como aquele que não aprende ou ensina, que, enfim, vê o mundo de forma “míope”, portanto, com uma visão estreita.

Na materialidade linguística, observamos como essa relação de oposição se constrói também com o uso de advérbios. Primeiramente, o velho é o que responde “não”, advérbio que atribui à sua postura certa inflexibilidade. No trecho, “nem ensina”, a negação aparece outra vez na forma da conjunção “nem” (e não). Portanto, ao velho são atribuídas características nas quais ele se encontra em falta (tema que iremos trabalhar em outro eixo de análise), produzindo imagens negativas desse sujeito, que é nomeado, então, como “velho”. Aparece também o uso do advérbio “apenas”, por duas vezes, em “apenas descansa” e “apenas dorme”. Nesse caso, o uso desse advérbio associado às ações de descansar e dormir sugere, ainda, uma depreciação das ações atribuídas a ele, insinuando que se espera mais desse sujeito na sociedade (portanto, há uma expectativa social em relação a suas ações). Ao atribuir a tais ações do dia a dia uma certa simplificação, torna-as desinteressantes e desimportantes para qualquer sujeito, revelando o papel secundário atribuído ao velho numa sociedade em que a rapidez, a urgência e a produtividade imperam e a ociosidade (representada pelo dormir e

descansar) poderia estar associada à preguiça e improdutividade, tipicamente realçadas aqui como hábitos de quem é velho.

Nos trechos, “você é idoso quando *ainda* aprende” e “você é velho quando *já* nem ensina”, o uso dos advérbios sublinhados estabelece uma interessante relação entre as nomeações velho e idoso, que são apenas aparentemente opostas. “*Já*” sugere uma relação de sentido de antecipação e precocidade, que, ao ser atribuída ao velho, revela-se negativa, pois socialmente seria esperado que o sujeito aprendesse em qualquer idade. Em relação ao advérbio “*ainda*”, este marca um efeito de sentido de “atraso”, que, nesse caso, parece indicar, por parte do enunciador, que algo (o processo de aprendizagem) não era esperado, ou seja, embora seja dito que o idoso é aquele que aprende, isso não representa, de fato, uma ação atribuída a alguém em idade avançada, pois “*ainda*” acrescenta ao verbo uma circunstância de uma ação fora da normalidade.

Essas ideias, portanto, em aparente oposição, reforçam sentidos estabilizados que parecem circular socialmente, enfatizando interpretações estereotipadas para o velho ou mesmo para o idoso, ainda que se procure suavizar a velhice, atribuindo-lhe esta nomeação. Pode-se dizer, ainda, que a oposição de sentidos se dá mesmo entre o termo “velho” e outro que aparece na primeira linha do recorte: a “jovialidade”. A velhice, então, pode ser tomada como a falta da juventude. Essa interpretação decorre da expressão “velho é aquele que perdeu a jovialidade”. Dessa forma, podemos inferir que a velhice se opõe à juventude e que no termo “idoso” procura-se interditar o sentido demarcado pela idade avançada (que seria um sentido comum aos dois termos: velho e idoso), já que ambos os termos remetem a sentidos negativos no mundo social, sentidos esses que são produzidos pelos sistemas simbólicos de onde originam as representações (HALL, 1997).

Essa relação de sentido é ratificada, mais uma vez, no uso dos termos “*amanhãs*” e “*ontens*” - de natureza dêitica - em “você é idoso quando seu calendário tem *amanhãs*/ Você é velho quando ele só tem *ontens*”, fazendo com que os elementos linguísticos destacados, de natureza situacional (pois caracterizam o momento da enunciação), remetam o velho ao passado e o idoso ao futuro, produzindo o efeito de sentido de que idoso pode ser comparado ao jovem, agregando a si as características positivas que a ele são conferidas, tais como o aprendizado, a esperança e a vida ativa. Essa ideia fecha o recorte com a presença da oposição entre os termos, “horizonte” e “passado”, que aparecem associados às duas nomeações novamente.

Dessa forma, podemos concluir que há uma tentativa de “ressignificação” do termo idoso, pretendendo afastar as representações negativas sugeridas pelo outro termo que o designa - velho, representações essas que são compartilhadas socialmente e que projetam o imaginário que se tem do que é velho. Para atribuir ao sujeito velho uma representação positiva é necessário nomeá-lo como “idoso”, mas criar uma relação desse termo com a juventude. Portanto, as nomeações encerram sentidos mais ou menos estabilizados que são responsáveis pelas construções identitárias compartilhadas socialmente e que são determinadas pelos sistemas de valores que vigoram na sociedade e que colocam o velho numa posição de passividade e de interdição.

Outra observação que podemos fazer em relação à designação desse grupo social se refere à nomeação da própria comunidade: *Idosos Fofinhos*. Primeiramente, remete-nos aos sentidos positivados do termo idoso, mas ao qual é acrescentada uma adjeti-

vação: *fofinhos*. Se, por um lado, a qualificação ao termo pudesse remeter a gestos de interpretação favoráveis ao idoso, já que “fofinhos” é um termo destinado a coisas que são queridas, estimadas, como animais de estimação ou bichinhos de pelúcia, e, além disso, o termo se encontra no grau diminutivo, o que remete a um tratamento carinhoso e amável, podemos pensar em outros gestos de interpretação que concorrem nesse sintagma nominal e que nos permitem relacioná-lo ao segundo eixo de análise que propusemos: a objetificação do idoso.

Se pensarmos que um animal de estimação tem sua existência condicionada a seu dono e um brinquedo é um objeto pelo qual, ainda que se tenha apreço, é inanimado e passivo e pode ser deixado em um canto a qualquer momento ao ser substituído por outro brinquedo novo, a adjetivação “fofinhos” talvez possa indicar também efeitos de sentido negativos, pois o idoso poderia ser considerado “fofinho” nas condições de uma existência passiva, não questionadora, ou seja, em condições em que os outros sujeitos é que agem por eles, falam por eles e até sentem por eles, o que, de certa forma, aparece representado numa comunidade virtual em que se fala sobre o sujeito idoso ou velho, mas ele não tem espaço para se dizer, para colocar seus conflitos, suas indignações, suas reivindicações. Como é visto, então, o velho que não é passivo, dócil, quieto, como um bichinho de pelúcia? É essa representação que pretendemos trazer para a discussão com um segundo recorte:

RD2

(Nome da Pessoa)²

Diariamente tenho a oportunidade de receber velhinhos/velhinhas no banco em que trabalho. Sempre tive uma atenção especial para com eles. Adoro conviver com esse pessoal: lindos, doces, frágeis, carentes, experientes, etc. Existem as exceções, mas no geral são ótimos! Paguei (*sic*), no semestre passado, a cadeira Introdução à Gerontologia na UFPE e me apaixonei mais ainda por essa turma. Ao terminar meu curso de Psicologia gostaria de trabalhar com este segmento.

Comunidade do Orkut *Eu amo velhinhos fofinhos*. Acesso: 23/08/2011.

Podemos observar nessa outra comunidade cujo nome traz certa semelhança com a outra, primeiramente, o modo como os idosos são designados pelo enunciador: o termo velho, no grau diminutivo, nas formas feminina e masculina, é utilizado por ele, atribuindo ao grupo uma certa empatia. O termo “velho”, por estar no diminutivo, “alivia” as imagens negativas a ele associadas. Há a presença, ainda, de certo “discurso amoroso”³ no recorte em questão, que faz com que tenhamos um olhar de afinidade,

² O nome do enunciador foi preservado para não identificação.

³ É a partir de Barthes (1990) que discutimos a constituição de um discurso amoroso. Para ele, o sujeito que ama coloca primeiramente o objeto amoroso como uma imagem idealizada, de perfeição. Depois, há o momento de desencantamento, em que o objeto passa a ter defeitos e imperfeições. Dessa forma, colocamos o idoso aqui como esse objeto de amor, passivo e subjugado ao sujeito que ama. Portanto, há novamente a imagem do “objeto fofinho”, como no recorte anterior.

de identificação, para com esses idosos. Esse discurso se materializa no intradiscurso em uma sequência de adjetivos utilizados para caracterizar esse grupo social: *especial, lindos, doces, frágeis, carentes, experientes, ótimos*, e no uso dos verbos *adorar* e *apaixonar-se*, também presentes no recorte. Dessa forma, esse “velhinho(a)” é objeto de carinho e amor, o que o coloca numa posição de “objeto amoroso”.

No entanto, o idoso que foge a esse estereótipo, a esse papel passivo atribuído a ele, “as exceções”, como o enunciador afirma, é rechaçado por ele. Notamos no uso da conjunção “mas” o sentimento de contrariedade que se expõe no dizer do enunciador: não se espera que os idosos ajam de outra forma, não é essa a imagem que a sociedade tem ou gostaria de ter. Isso se expõe, portanto, na construção adversativa no fio discursivo.

Há também a ocorrência de outras formas para nomear os idosos, utilizadas pelo enunciador: primeiramente, “turma” e, ao final, “segmento”. Se o enunciador parte de um olhar carinhoso para o idoso, atribuindo-lhe o termo “velhinho(a)”, o que o individualizaria enquanto sujeito, na sequência o designa como grupo (*turma*) e, ao final, atribui-lhe, com o uso do termo “segmento”, um efeito de sentido de coisificação, pois o uso desse substantivo abstrato faz uma referência ao mundo econômico e a um setor específico do mundo dos negócios: a velhice. Dessa forma, podemos sugerir como um gesto de interpretação que a imagem do idoso também se relaciona a uma mercadoria, pois aqui o enunciador o coloca como um “segmento”, não como sujeito, o que significa atrelar sua imagem à possibilidade real de se obter lucro na prestação de serviços a esse grupo que cresce numericamente. Podemos dizer, ainda, que essa imagem está em concordância com os valores do mundo capitalista, discurso hegemônico no mundo social, em que o sujeito se transforma em mercadoria e é “avaliado” pelo seu valor de troca na sociedade.

Algumas conclusões...

Finalizando este artigo, poderíamos ainda concluir, por esses resultados da análise e de muitos outros que aqui não foram levantados pela brevidade do artigo, que há um uso excessivo de palavras para caracterizar o idoso, para nomeá-lo ou atribuir-lhe predicções, o que parece estar em uma relação de oposição a um dizer que, embora velado, aparece na forma de uma “ausência” significativa: a falta constitutiva que é atribuída ao idoso. Este seria, portanto, um sujeito sempre em falta, em falta da juventude, em falta de saúde, em falta do que fazer, imagens que remetem a um sujeito sempre em déficit numa sociedade que prima pelo excesso (de imagens, de dinheiro, de exposição social). Essa falta seria “compensada” no dizer com diferentes formas de tentar conter o idoso numa definição, numa identidade, o que revela, portanto, a dificuldade em restringir – em “conter” o idoso – a um conjunto de imagens estabilizadas e inertes: há o idoso passivo, mas também o idoso inconformado – que é apresentado aqui como a exceção. Isso porque a identidade é um processo em construção numa sociedade em que os valores sociais e, portanto, as representações, que são produtos desses sistemas simbólicos, aparecem associados à fluidez, à efemeridade, bem como à mercantilização dos sujeitos.

Dessa forma, ao questionarmos as representações sobre o velho propostas pela mídia digital, propomos uma reflexão sobre espaços outros para o idoso se reinventar nessa sociedade que prima pelo novo, por valores baseados na aparência e na instantaneidade e que condena, muitas vezes, os que estão às margens sociais à invisibilidade e ao silenciamento. Se não houver espaço para a diversidade (do velho, do novo etc.) correremos o risco, nessa homogeneização, segundo as palavras de Bauman (2004, p. 158), de condenar “as vidas dos seres humanos que caíram ou foram jogados para fora desses limites” a não valerem a pena. Só há possibilidade de realizar gestos outros de sentido sobre a velhice se a reflexão sobre tais imagens estabilizadas que circulam socialmente se deslocarem dos sentidos únicos que são priorizados nos discursos hegemônicos da mídia, gerando novas interpretações. Dessa forma, a disseminação dessas reflexões pelo discurso científico-acadêmico é um espaço que encontramos para contribuir para essa ruptura, divulgando olhares outros sobre o idoso e a velhice.

Referências bibliográficas

- ARAÚJO, A. C. “O conceito de novas mídias e a utilização das mídias na publicidade”, in: *Anais do Intercom: XXXIV Congresso Brasileiro de Comunicação*. Recife: UNICAP, 2011.
- BARTHES, R. *Fragmentos de um discurso amoroso*. Trad. H. dos Santos. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1990.
- BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- _____. *Amor líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.
- FALCON, F. J. C. “História e representação”, in: CARDOSO, C. F. e MALERBA, J. (org.). *Representações: contribuição a um debate transdisciplinar*. Campinas: Papyrus, 2000.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. 8 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- GREGOLIN, M. R. “Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades”, in: *Revista Comunicação, mídia e consumo*. São Paulo, vol. 4, n. 11, p. 11-25, nov. 2007.
- GUIMARÃES, E. “Designação e espaço de enunciação: um encontro político no cotidiano”, in: *Revista Letras*, n. 26: limites e fronteiras. Santa Maria: UFSM, 2003.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Ed., 1997.
- MARCUSCHI, L. A. “Gêneros textuais emergentes no contexto de tecnologia digital”, in: MARCUSCHI, L. A. e XAVIER, A. C. *Hipertexto e gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2005.
- PÊCHEUX, M. “A análise de discurso: três épocas”, in: GADET, F. e HAK, T (org.). *Por uma análise automática do discurso*. Campinas: Ed. Unicamp, 1990.

_____. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 1997.

PEREIRA, F. H e MORAES, F. M. "Mas afinal, internet é mídia?", in: *Anais do Intercom: XXVI Congresso Brasileiro de Comunicação*. Belo Horizonte: Núcleos de Pesquisa da Intercom, 2003.

WOODWARD, K. "Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual", in: SILVA, T. T. da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.